



Revista  
de Psicologia  
ISSN 2179-1740

## FENOMENOLOGIA NAS OBRAS DE CARL ROGERS: APONTAMENTOS PARA O CENÁRIO BRASILEIRO

*PHENOMENOLOGY IN CARL ROGERS' WORKS: NOTES FOR THE  
BRAZILIAN SCENARIO*

Paulo Coelho Castelo Branco<sup>1</sup>

Sérgio Dias Cirino<sup>2</sup>

### Resumo

Analisamos a relação de Carl Rogers com a Fenomenologia segundo uma perspectiva historiográfica que examina a ocorrência de citações e referências que ele fez a filósofos de orientação fenomenológica. As obras de Rogers foram organizadas em ordem cronológica de publicação e lidas conforme as técnicas de leitura seletiva e interpretativa. Rogers mencionou cinco filósofos de orientação fenomenológica: José Ortega y Gasset, Paul Tillich, Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger. Destes, somente Heidegger é efetivamente trabalhado em um texto sobre o ensino e os demais filósofos procedem de indicações e citações de outros autores. Nos livros em que Rogers referencia esses filósofos não há nenhuma discussão sobre a Fenomenologia; porém, há textos em que Rogers disserta sobre a Fenomenologia sem citar fenomenólogos. A Fenomenologia que Rogers menciona não é a filosófica, a qual ele teve ressalvas, mas é um paradigma estadunidense de ciência empírica e estudos da personalidade. Apesar disso, desenvolve-se no Brasil um movimento pós-rogeriano de orientação filosófica fenomenológica. Ponderamos, finalmente, algumas observações sobre o que distingue o movimento brasileiro daquele paradigma contatado por Rogers nos EUA.

**Palavras-chave:** Carl Rogers; fenomenologia; história da psicologia; pesquisa bibliográfica; terapia centrada no cliente.

### Abstract

We analyze the Carl Rogers' relationship with the Phenomenology according to a historiography perspective that examines the occurrence of citations and references that he made to philosophers of phenomenological orientation. Rogers' works were organized in chronological order of publication and read conform to selective and interpretive reading techniques. Rogers mentioned five philosophers of phenomenological orientation: José Ortega y Gasset, Paul Tillich, Simone de Beauvoir, Maurice Merleau-Ponty and Martin Heidegger. Of these, only Heidegger is actually worked in a text about teaching and the other philosophers proceeds of indications and citations from other authors. In the books which Rogers makes references about philosophers there is no discussion about the Phenomenology; but there are texts in which Rogers talks about Phenomenology without citing phenomenologists. The Phenomenology that Rogers mentioned is not the philosophical one, which he had reservations about, but it is an American paradigm of empirical science and personality studies. Despite this, there is a development in Brazil a post-Rogerian movement of philosophical phenomenological orientation. Finally, we pondered some observations about what distinguishes the Brazilian movement from that paradigm contacted by Rogers in the USA.

**Keywords:** Carl Rogers; phenomenology; history of psychology; client-centered therapy; bibliographical research.

<sup>1</sup> Docente do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: paulocbranco@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

No Brasil é comum relacionar a Psicologia Humanista de Carl Rogers com a Fenomenologia. Esta filosofia parece cancelar um lugar epistêmico e histórico de influência no pensamento rogeriano, ao passo que é possível encontrarmos muitos psicólogos humanistas centrados na pessoa que utilizam diversos aportes da Fenomenologia, seja como uma pauta profícua de crítica e/ou ampliação da abordagem de Rogers (Frota, 2012), seja como uma crença, por alguns (Fonseca, 2007; Amatuzzi & Carpes, 2010), de que ele foi um psicólogo de procedência fenomenológica. O próprio Rogers (1961/1997) reconheceu uma aproximação tardia do seu pensamento com a Fenomenologia, ao passo que Herbert Spiegelberg (1972), um historiador do movimento fenomenológico, o mencionou como um representante de tal movimento na Psicologia estadunidense. Alguns autores brasileiros (Frota, 2012) e estrangeiros (Segrera, 2002) atentam, ainda, para um movimento pós-rogeriano da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que se desenvolve no Brasil conforme uma tendência fenomenológica. No dicionário de vocabulários e noções básicas da ACP (Gobbi, Missel, Justo & Holanda, 2005), por exemplo, é possível encontrar alguns termos relacionados à Fenomenologia, como *Husserl*, *Heidegger* e *Merleau-Ponty*.

Conquanto enfatizar que incorre equívoco enquadrar Rogers em uma matriz fenomenológica ou afirmar que a Fenomenologia o influenciou seja um engano (Moreira, 2010), a existência de uma discussão sobre a relação de Rogers com a Fenomenologia está longe de ser esgotada. Para tanto, objetivamos analisar a relação de Rogers com a Fenomenologia segundo uma base analítica bibliográfica das citações e referências do psicólogo humanista a filósofos de orientação fenomenológica. Destarte, inicialmente, delineamos o nosso plano de pesquisa para investigar diversas obras de Rogers. Discutimos, posteriormente, os resultados da análise dos filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers. Tecemos, finalmente, algumas observações sobre o tipo de Fenomenologia contatado por Rogers nos EUA, distinguindo-a do cenário brasileiro que desenvolve o legado rogeriano segundo uma perspectiva filosófica fenomenológica.

## MÉTODO

Estabelecemos um plano metodológico inspirado pelos aportes da historiografia de Joseph Brožek (1998) e influenciado pela proposta de pesquisa bibliográfica elaborada por Lima e Miotto (2007). Da historiografia aludida, nos inspiramos na perspectiva de que a técnica

de levantamento de citações e referências a um determinado autor é um recurso útil de indicação do clima de recepção dele em um contexto cultural. Com base nessa inspiração, implicamos uma proposta de estudo sobre a ocorrência de referências e menções a filósofos de orientação fenomenológica no decorrer das obras rogerianas, para analisar a recepção de determinados fenomenólogos, de suas publicações e dos seus pensamentos nas obras de Rogers.

Assim, selecionamos 20 livros publicados por Rogers, 3 entrevistas concedidas por ele, 6 artigos considerados seminiais a sua abordagem (Wood, 2008) e 1 diálogo gravado e transcrito. Evidenciou-se o fato de que o material era heterogêneo o suficiente para representar o trabalho de Rogers em todos os momentos de sua carreira – desde a elaboração do *Aconselhamento Não-Diretivo* (1940-1950), passando pela *Terapia Centrada no Cliente* (1951-1963) e culminando na *Abordagem Centrada na Pessoa* (1963-1987). Reconhecemos que não nos foi possível reunir todo o material bibliográfico publicado por Rogers, todavia consideramos que essa amostra bibliográfica foi representativa para caracterizar a (re)constituição do pensamento dele. Em cada escrito de Rogers, foram examinadas as referências, as notas de rodapé (muitas contendo referências) e os índices, em busca de menções a filósofos de orientação fenomenológica. Nos capítulos, artigos e entrevistas que não continham esses elementos, foi feita uma análise página por página.

Tais amostras bibliográficas foram lidas de acordo com a ordem cronológica de publicação da edição original. Sobre elas, utilizamos a técnica de leitura seletiva que objetiva procurar e determinar o material que interessa a pesquisa. É o momento de seleção de informações e trechos pertinentes e relevantes, além de identificar e descartar informações e dados secundários (Lima & Miotto, 2007). Ressaltamos que, durante a leitura, foram buscadas palavras-chave como, por exemplo, Fenomenologia, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice-Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. Além deles, exercitamos uma atenção livre a qualquer nome de filósofo que pudesse aparecer durante a leitura. Nesse ponto, o reconhecimento dos nomes de uma variedade de filósofos de orientação fenomenológica foi auxiliado pelos apontamentos de Herbert Spiegelberg (1972, 1982).

Após a leitura seletiva na amostra bibliográfica, foram obtidos alguns materiais (trechos de texto e referências) considerados pertinentes para a pesquisa. Esses foram armazenados com a finalidade de ordenar e resumir informações em relação à obra de Rogers que foi lida, o número de referências a filósofos de orientação fenomenológica e observações sobre a

página e o conteúdo do que foi escrito no trecho do texto. Posteriormente, organizamos-tabulamos sinteticamente esse material.

A Tabela 1, exposta em seguida, remete-se a 20 livros de Rogers. Este, ao longo de sua vida, publicou centenas de artigos em periódicos científicos, que foram, posteriormente, organizados como capítulos de livros. Além disso, Rogers manteve uma vasta produção com vários colaboradores. Nas obras organizadas por Rogers que continham textos de outros autores, segundo os critérios de cumprimento do objetivo de nossa pesquisa, foram destacados somente os capítulos de Rogers para a coleta dos dados. Ressalvamos, entretanto, o fato de que informações sobre os seus colaboradores que referenciaram fenomenólogos foram armazenadas para discussões em outras pesquisas. (Tabela 1).

No que concerne às entrevistas feitas com Rogers, pré-selecionamos duas delas traduzidas para o português: *Psicologia humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers*, de Willard Frick (1971/1975), e *Carl Rogers: o homem e suas ideias*, de Richard Evans (1975/1979). Ambas não apresentaram nenhuma ocorrência. Recorremos, ainda, a obra *Carl Rogers the quiet revolutionary: an oral history*, de Carl Rogers e David Russell (2002). Nesta, encontramos uma alusão de Rogers ao seu encontro com Paul Tillich, em 1965.

Frisamos que o diálogo entre Rogers e Tillich (1965/2008), também, foi analisado como uma amostra bibliográfica à parte dos livros, artigos e entrevistas examinados. Como uma conversa transcrita, o texto foi lido na íntegra utilizando a técnica de leitura seletiva para buscar menções à Fenomenologia ou a alguma discussão do tipo. Consideramos que o contato e o diálogo, em 1965, de Rogers com Tillich, um filósofo/teólogo de influências fenomenológicas (Spiegelberg, 1982; Goto, 2011), constituiu um caso de análise especial, que foi incluído na discussão sobre as suas referências.

Constituíram material de análise os seis artigos considerados seminais à Psicologia Humanista de Rogers, no livro intitulado *Abordagem Centrada na Pessoa*, organizado por John Wood (2008). Nesse livro constam seis artigos de Carl Rogers, publicados em revistas estadunidenses, de 1946 a 1963, e traduzidos para o português brasileiro, a saber: *Aspectos significativos da terapia centrada no cliente* (1946), *Algumas observações sobre a organização da personalidade* (1947), *Pessoa ou ciência? Uma questão filosófica* (1953), *As condições necessárias e suficientes para mudança terapêutica na personalidade* (1957), *A equação do processo da terapia* (1961) e o *Conceito de pessoa em funcionamento pleno* (1963). Na análise de todos esses artigos, constatamos a inexistência de

menções a filósofos de orientação fenomenológica.

A organização dessas informações, em suma, nos possibilitou revisitar e aprofundar as obras de Rogers que contêm referências a filósofos de orientação fenomenológica. Nessas obras, utilizamos a técnica de leitura interpretativa que, segundo Lima e Miotto (2007), busca uma relação das ideias expressas nos textos lidos com os propósitos da pesquisa. Implica, pois, na capacidade criativa de associar ideias, transferir/comparar situações e fazer inferências.

Consideramos que esse plano metodológico pereceu ser o mais indicado para iniciar o aprofundamento de nosso objetivo, pelo argumento de que essa lógica de pesquisa possui um amplo alcance de análises de informações bibliográficas que organiza dados dispersos em diversas publicações de Rogers, além de possibilitar que se amplie ou (re)constitua a relação dele com a Fenomenologia.

## ANÁLISE DAS CITAÇÕES E REFERÊNCIAS DE CARL ROGERS A FILÓSOFOS DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Com base no levantamento dos filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Carl Rogers, ao longo das obras consultadas na Tabela 1 e nos demais escritos examinados, podemos elaborar uma segunda tabela, mais sintética, que inspira algumas análises em relação aos autores referenciados por Rogers. (Tabela 2).

Em relação à referência de José Ortega y Gasset, Rogers (1967/1976), ao apresentar o tópico *A respeito de bibliografias*, ressalta que o livro está organizado de um modo atípico e anárquico, no que concerne às citações e referências omitidas do texto. A única exceção é o capítulo de Van Dusen que foi publicado como artigo em uma revista. No tópico seguinte, *Algumas leituras correlatas*, Rogers (1967/1976) exprime uma lista de referências que lhe foram úteis a compreender os outros e o problema de ser humano. Em suas palavras, “Estes trabalhos me ajudaram. Contudo, não considero qualquer destes livros – ou qualquer livro – como necessário” (p. 323).

De certa forma, pode-se pressupor que essas referências foram indicadas por Carl Rogers e pelos colaboradores do livro, Barry Stevens, Eugene Gendlin, Wilson Van Dusen e John Schlien. Não sabemos ao certo se a referência de Ortega y Gasset partiu de Rogers. Além disso, Rogers parece não dar muita substância a esse filósofo como uma influência da sua Psicologia.

No que concerne à referência de Simone de Beauvoir, Rogers (1972/1977) menciona a filósofa em

uma parte final do livro, intitulada *Uma bibliografia anotada para futuras pesquisas*. Rogers (1972/1977) descreve essa parte como uma ajuda para os leitores interessados em aprofundar os terrenos específicos ao casamento, divórcio, dificuldades sexuais, diversos relacionamentos conjugais, problemas conjugais e educacionais dos filhos etc. Ressaltamos, todavia, que essa bibliografia anotada para futuras pesquisas, não foi elaborada por Rogers, mas por uma amiga sua, conforme podemos notar na seguinte citação dele.

Muitos leitores não de querer aprofundar-se em terrenos específicos. Por esse motivo pedi à minha amiga, extremamente lida, a Dr<sup>a</sup> Alice Elliott, que preparasse a seguinte bibliografia anotada, à qual acrescentei alguns títulos. Acredito que dessa lista (e das breves descrições, cuidadosamente escritas) o leitor possa escolher não somente os tópicos que gostaria de continuar versando, mas também o nível de leveza ou de peso da sua leitura. Duvido que encontre muitas respostas, mas o seu pensamento será, sem dúvida, enriquecido (...). Aos livros, acrescentei filmes e cassetes gravadas, relacionadas com esses tópicos (Rogers, 1972/1977, p. 219).

Na descrição da obra de Beauvoir, *The second sex*, Rogers (1972/1977) escreve:

The Patriarchal Times afirma que essa famosa mulher francesa acredita que a vida em nossa cultura ocidental obriga as mulheres a assumir um lugar secundário na sociedade. Isto se faz pela tradição social e pela educação, controladas pelos homens. Enquanto tais condições não se alterarem, a mulher não poderá ocupar o lugar que lhe cabe por direito na sociedade com um sentido de dignidade humana e é relegada à dependência e à subserviência. Livro que se lê e compreende com facilidade. Trata-se de um clássico do campo (p. 221, grifos do autor).

Observamos que Rogers aproveitou uma resenha de jornal para sugerir a obra de Beauvoir, além desta, provavelmente, ter sido incluída na bibliografia para futuras pesquisas por sua amiga, Alice Elliott. Isso enfraquece o argumento de que o pensamento fenomenológico de Beauvoir tenha exercido influência em Rogers.

Sobre a referência de Rogers à obra *The courage to be*, de Paul Tillich, cumpre frisar que ela está indicada por Rogers (1969/1979) em uma bibliografia preparada, novamente, por Alice Elliott, para estimular o leitor a "(...) ir mais longe em suas investigações" (p.319). Com a curiosidade de saber quem foi Alice Elliott, no mesmo texto de Rogers (1969/1979), encontramos a seguinte explicação sobre ela.

A senhorita Elliot leciona no curso secundário e é também professora de professores em curso de doutoramento em comunicação. Está, portanto, bem aparelhada para oferecer sugestões ao nível tanto da educação popular quanto magisterial. É uma das pessoas mais amplamente lidas que eu conheço (...). Por essas razões, creio que a seleção feita por ela – dentre centenas de volumes – de leituras altamente relevantes, dará a educadores e a leigos a oportunidade de buscar seus interesses além dos limites desse livro (p. 319, grifos do autor).

Apesar das indicações de referências não procederem diretamente de Rogers, este exprime, supostamente, ter lido o livro de Tillich, antes do diálogo que ambos expuseram em 1965, em um estúdio de rádio e televisão da Faculdade Estadual de São Diego – Califórnia. Nesse diálogo, é possível perceber certa familiaridade de Rogers com o pensamento de Tillich, dado que foi o psicólogo que incensou a discussão com o filósofo, apontando-lhe um interesse sobre o conceito de *demônico* (Rogers & Tillich, 1965/2008). Ambos discutiram sobre o problema da natureza humana, a liberdade, a auto aceitação, a relação com Deus, a pessoa, as relações e a questão dos valores. Há uma menção de Tillich a Jean-Paul Sartre, mas em nenhum momento o diálogo pondera algo sobre a Fenomenologia.

Em uma entrevista concedida a David Russell, Rogers relembra o seu encontro com Tillich naquela ocasião e observa sua dificuldade em engajar Tillich em um diálogo, em virtude do seu comportamento fechado e germânico. Rogers ressalva, ainda, que não estudou a Filosofia de Tillich, mas que durante a conversa seus pensamentos convergiram em muitos pontos (Rogers & Russell, 2002). Destarte, a Filosofia de Tillich não parece ter sido influente ao pensamento de Rogers em algum momento de sua carreira.

Na obra *Liberdade de Aprender em nossa década*, Rogers (1983/1985) cita diretamente grande parte de um relatório, escrito por Hugh Gunnison e Peter Ladd, sobre a implementação de um programa de

educação de professores em St. Lawrence. Nesse relatório, é possível observar uma alusão à ideia de que esse programa tem uma orientação fenomenológica e da tradição das artes liberais (Rogers, 1983/1985, p. 174-175). Há, ainda, uma menção à experiência de ensino como uma “ingenuidade disciplinada” (p. 178), referindo-se à obra *Phenomenology of perception*, de Maurice Merleau-Ponty. O livro de Merleau-Ponty está referenciado no final do capítulo de Rogers, entretanto, no corpo do texto, a menção de Merleau-Ponty ocorre em nível de um *apud* (autor citado por outro autor) ao relatório de Gunnison e Ladd. Observamos que no índice disposto ao final do livro não consta o nome de Merleau-Ponty. Com efeito, não se pode constatar que Rogers leu diretamente a obra de Merleau-Ponty, pressupondo-se que este não exerceu influências diretas em seu pensamento.

Ainda na mesma obra, Rogers (1983/1985) cita e referencia o livro de Martin Heidegger, *What is called think?*, para estabelecer a definição heideggeriana de ensino – indutora a sua reflexão. Embora extensa, a reproduzimos.

Ensinar é ainda mais difícil do que aprender (...) e por que assim é? Não porque o professor tem que possuir um estoque mais amplo de informações, e tê-lo sempre à mão. Ensinar é mais difícil do que aprender, porque o que o ensino exige é o seguinte: deixar aprender. O verdadeiro professor, em verdade, não deixa que nada mais seja aprendido, a não ser a aprendizagem. A conduta dele, portanto, amiúde, produz a impressão de que nós, propriamente falando, nada aprendemos dele, se é que, por ‘aprender’, repentinamente entendemos apenas a obtenção de informações úteis. O professor acha-se à frente de seus estudantes somente nisso: que ele ainda tem muito mais a aprender do que eles – ele tem de aprender a deixá-los aprender. O professor tem de ser capaz de ser mais lecionável que os aprendizes. O professor acha-se muito menos certo do terreno em que pisa do que aqueles que aprendem estão do deles. Dessa maneira, se a relação entre o mestre e o que aprende é genuína, nunca existirá lugar nela para a autoridade do sabichão ou predominância autoritária do funcionário. Portanto, ainda constitui algo exaltante tornar-se um mestre – o que é algo inteiramente diferente de tornar-se um professor famoso (Heidegger citado por Rogers, 1983/1985, p. 27).

Rogers concorda, pois, com o pensamento de Heidegger e acentua sua posição de que cabe ao professor ensinar o estudante a aprender, fomentando isso com criatividade e amor. Segundo Rogers (1983/1985), essa é a ideia central do seu livro. Nota-se que, diferentemente de Merleau-Ponty, o nome de Heidegger está disponível no índice do livro de Rogers (1983/1985). Percebemos que Rogers contata uma obra de Heidegger, todavia não com a intenção de aprofundar algum aporte fenomenológico, e sim recortar uma ideia de ensino e demonstrar que ela não é recente, possuindo raízes anteriores, datadas nas conferências ministradas por Heidegger, nos anos de 1950. Rogers acena que pretende atualizar essa ideia na situação presente. Destarte, é possível inferir que Rogers não se influencia pela Fenomenologia e Ontologia heideggeriana, mas recorta um pensamento de Heidegger para iniciar uma discussão sobre novas formas de incitar a aprendizagem e mostrar o seu método educacional centrado no aluno e suas aprendizagens significativas.

Após essas análises, consideramos que a obra *Liberdade de aprender em nossa década* (Rogers, 1983/1985) é a que mais exprime menções a filósofos de orientação fenomenológica. Deveras, dos filósofos analisados, Heidegger é o único que traz uma referência mais consistente e direta no trabalho de Rogers. A despeito disso, não é possível afirmar que Heidegger foi influente à psicoterapia ou à educação rogeriana. Curiosamente, todos os filósofos analisados foram referenciados por Rogers desde 1967, momento em que ele estava aposentado da universidade e desenvolvendo a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) na Califórnia. Rogers não exercia mais a clínica, pois se interessava em ampliar a sua perspectiva em outros campos, como a educação, a facilitação de grupos e as relações interpessoais (como as de matrimônio).

## APONTAMENTOS PARA O CENÁRIO BRASILEIRO DE ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Com os resultados e as análises ora obtidas, temos subsídios para esboçar alguns apontamentos para o cenário brasileiro de Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) que, conforme indicado na Introdução, desenvolve uma aproximação do pensamento de Rogers com a Fenomenologia. Com efeito, nossa pesquisa oferece suporte ao seguinte posicionamento de Moreira (2010):

Afirmar que a fenomenologia influenciou a Abordagem Centrada na Pessoa (Gobbi et

al., 2005) é um engano. No entanto, é possível considerar que as fenomenologias existenciais passaram a ter um papel fundamental em muitas das vertentes atuais da Abordagem Centrada na Pessoa. Tais vertentes “pós-rogerianas” contemporâneas, na medida em que assumiram uma direção fenomenológico-existencial, passaram a ter vida própria nestes mais de 20 anos após a morte de Rogers, ainda que partam de seu pensamento (p. 10).

Nessas vertentes pós-rogerianas é possível, por exemplo, encontrarmos aproximações da ACP com as fenomenologias de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Emmanuel Lévinas, Hans-Georg Gadamer e Alfred Schutz (Frota, 2012; Castelo-Branco & Cirino, 2016b). Todas elas, em comum, utilizam tais referenciais para problematizar, criticar ou propor avanços para a ACP. A despeito disso, existem estudos (Castelo-Branco & Cirino, 2016a, 2016b) que reconhecem as dificuldades epistêmicas de relacionar Rogers à Fenomenologia, em razão da posição filosófica do psicólogo menear para uma perspectiva pragmatista e funcionalista de experiência consciente, distante daquelas postuladas por Husserl e seus seguidores/dissidentes. Não obstante, todos os estudos retrocitados reconhecem as potencialidades de (re)pensar a ACP por um esteio fenomenológico. Por exemplo, indicamos o estudo de Dutra (2016) que aproximou o conceito rogeriano de *self* com a noção heideggeriana de *ser-aí* – a despeito de, conforme demonstramos, Rogers não apresentar Heidegger como uma influência direta no seu pensamento. Contudo, se Rogers não utiliza, praticamente, nenhuma Filosofia fenomenológica para amparar o seu trabalho, por que tal tendência de ACP se propaga no Brasil? Uma possível resposta se encontra no contexto histórico que Rogers deparou nos EUA.

Rogers foi simpático ao movimento de recepção da Fenomenologia na Psicologia estadunidense. É fato que ele estabeleceu uma relação com a Fenomenologia, não por influência direta dessa Filosofia, mas pelo contato com alguns psicólogos que tinham alguma influência dela, como Donald Snygg, Arthur Combs, Max Pagès, Eugene Gendlin, Alfred Kuenzli, Rollo May, Adrian van Kaam e William Coulson. A relação de Rogers com esses outros expoentes, contudo, incute alvo de outra análise para entender a relação dele com esse movimento, em que a Fenomenologia circulou como um novo paradigma, alternativo ao Behaviorismo, de pesquisa em ciências psicológicas e sobre a personalidade, além do seu desenvolvimento na Psicologia Existencial.

Para exemplificar esse envolvimento, recorremos à introdução do livro *The Phenomenological Problem* (1959), organizado por Kuenzli (1959). Essa obra, pioneira e representante do aludido movimento, nos oferece uma pista para entender a relação dos psicólogos norte-americanos com a Fenomenologia. Segundo o autor-organizador,

Ao invés de voltar para Husserl, que não parece ser especialmente pertinente as preocupações dos psicólogos contemporâneos, talvez os alunos possam vir a desenvolver cada vez mais os trabalhos aqui apresentados (...). Um psicólogo fenomenológico moderno utiliza todos e quaisquer métodos – como entrevistas clínicas, técnicas projetivas, observação do comportamento e experimentação em laboratório – que podem ajudá-lo a ganhar a compreensão da visão individual da realidade (p. ix, tradução nossa).

Esse pensamento, presente Psicologia estadunidense daquela época, entende a Filosofia como um retrocesso, ao passo que incute na Fenomenologia uma visão de Ciência preocupada com suas aplicações clínicas, empíricas e experimentais na compreensão do campo perceptivo de cada indivíduo. Tal posicionamento, ajuda-nos a inferir um motivo para Rogers não ter aprofundado algum aporte filosófico da Fenomenologia durante a edificação de sua teoria e prática centrada na pessoa.

É interessante notar que no livro organizado por Kuenzli (1959), há um capítulo de Rogers intitulado, *Some observations on the organization of personality*, originalmente publicado como artigo, em 1947, e traduzido para o português como *Algumas observações sobre a organização da personalidade* (Rogers, 1947/2008). No texto, Rogers aborda o termo campo perceptual, posteriormente rebatizado como campo fenomenológico, em referência aos estudos experimentais de Snygg e Combs sobre como a percepção se relaciona com a personalidade. Nesse texto, contudo, não há menções à Fenomenologia. Não obstante, atualmente, o movimento brasileiro de ACP pós-rogeriana aprofunda o aspecto filosófico, tão presente na Fenomenologia, que foi repreendido por Kuenzli e os demais psicólogos daquela época.

Em um segundo exemplo sobre a relação de Rogers com o movimento de recepção da Fenomenologia na Psicologia estadunidense, nos remetemos a participação do autor na obra *Behaviorism and Phenomenology: contrasting bases for modern psychology*, organizada por Thomas Wann, em 1964, a

partir das transcrições de palestras ocorridas na *Rice University*, em um simpósio da Divisão de Psicologia Filosófica da Associação Americana de Psicologia. Com a participação de Buhhrus Skinner, entre outros autores, foi debatido o paradigma de Psicologia presente no Behaviorismo e como a Fenomenologia oferecia outra possibilidade para entender a questão do comportamento humano, em um viés mais subjetivo e qualitativo.

Segundo a fala transcrita de Rogers (1964), a consequência da Fenomenologia para a Ciência é a assunção de uma Psicologia mais humana, que suplanta a tendência comportamental, desenvolvendo algo além dela. Para o autor humanista, a Fenomenologia na Ciência psicológica possibilita, pois, a descoberta de perspectivas próprias da pessoa, gerando outras teorias e métodos. Essa perspectiva pode oferecer contribuições para a Psicologia Comportamental ao mudar de considerações externas sobre a pessoa, baseada em observações do comportamento, para considerações sobre o universo dos sentidos interiores que emergem da experiência dela, havendo, pois, uma crença da conciliação entre o Behaviorismo e a Fenomenologia.

Ao postular essas implicações fenomenológicas para a Psicologia, Rogers (1964) argumenta a necessidade de mais comprovações empíricas oriundas de pesquisas que abordem a personalidade e outras questões psicológicas. Assim, Fenomenologia para Rogers (1964) é um paradigma de Ciência que deve auxiliar pesquisas empíricas sobre a personalidade. Nesse sentido, o autor não se remete a nenhuma Filosofia fenomenológica em específico. Além disso, Rogers (1964) chega a mencionar as pesquisas de Adrian van Kaam e Amedeo Giorgi, na Universidade de Duquesne, como exemplos profícuos de aplicação empírica da Fenomenologia no campo da Psicologia.

A compreensão de Rogers da Fenomenologia como um paradigma de Ciência, pode ter sido um aspecto que inspirou muitos psicólogos brasileiros a se aproximarem dessa perspectiva como uma lente para desenvolver a ACP, ampliando aquilo que Rogers simpatizou como empiria e enfrentado o que ele evitou aprofundar em termos filosóficos. É fato que o movimento nacional de ACP percebe um componente fenomenológico no pensamento rogeriano, que é possível de ser desdobrado conforme outras contendas distintas do que foi produzido nos EUA daquela época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revisitou as relações de Carl Rogers com a Fenomenologia segundo uma perspectiva bibliográfica. A análise, efetuada sobre os filósofos de

orientação fenomenológica citados e referenciados por Rogers, nos permite o entendimento de que a Filosofia fenomenológica exerceu pouca influência sobre ele. Embora sucintos, os dados oferecem uma base inicial para refletir a relação dele com a Fenomenologia no âmbito filosófico. Consideramos que essas referências são insuficientes para pressupor que a abordagem de Rogers é fenomenológica ou que ele é um fenomenólogo. Contudo, isso não impediu o desenvolvimento nacional de uma ACP pós-rogeriana inspirada pelos aportes da Fenomenologia.

Ressaltamos que as filosofias de Søren Kierkegaard e Martin Buber, citadas e referenciadas por Rogers, não entraram na análise por considerarmos que esses filósofos não procedem de uma Filosofia fenomenológica. Em específico, a Filosofia de Kierkegaard é anterior à assunção da Fenomenologia, no início do século XX; enquanto a Filosofia buberiana, embora contemporânea à Fenomenologia, é desprovida de uma influência metodológica desta perspectiva. Os pensamentos de Kierkegaard e Buber meneiam para uma posição existencialista que, conquanto filosófica, não utiliza o método fenomenológico de Edmund Husserl ou foi inspirada por algum pensamento dos seus seguidores. São comuns, entretanto, alguns psicólogos brasileiros se inspirarem nessas filosofias existenciais em complemento à proposta fenomenológica (Luczinski & Ancona-Lopez, 2010), além de haver trabalhos quem aprofundam as relações de Rogers com Buber e Kierkegaard (Holanda, 1998; Vieira & Pinheiro, 2011).

Concluimos que a Filosofia fenomenológica não exerceu influências diretas em Rogers. É possível haver influências difusas da Fenomenologia no pensamento rogeriano, porém isso não foi possibilitado pelo nosso recorte metodológico que trabalhou somente com o que Rogers mencionou e referenciou explicitamente em suas obras. Sugerimos, finalmente, um maior aprofundamento da relação de Rogers com o movimento de recepção da Fenomenologia na Psicologia estadunidense, a partir do contato do autor com os psicólogos mencionados no tópico anterior.

## REFERÊNCIAS

- Amatuzzi, M. & Carpes, M. (2010). Aspectos fenomenológicos do pensamento de Rogers. *Memorandum*, 19, 11-25.
- Brožek, J. (1998). Abordagem quantitativa: Wundt na América. In J. Brožek & M. Massimi (Orgs.), *Historiografia da psicologia moderna* (pp. 351-361). São Paulo: Unimarco; Loyola.

- Castelo-Branco, P. & Cirino, S. (2016a). Funcionalismo e pragmatismo na teoria de Carl Rogers: apontamentos históricos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 12-20.
- Castelo-Branco, P. & Cirino, S. (2016b). Reflexões sobre a consciência na fenomenologia e na abordagem centrada na pessoa. *Gerai's: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(2), 241-258.
- Dutra, E. (2016). Rogers and Heidegger: is a gathering for a new view of the self possible?. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 413-423.
- Evans, R. (1979). *Carl Rogers: o homem e suas ideias* (M. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1975).
- Fonseca, A. (2007). *Carl Rogers: sobre o seu paradigma fenomenológico e existencial em psicologia e psicoterapia*. Maceió: Livro Rápido.
- Frick, W. (1975). *Psicologia humanista: entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers* (E. D'Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1971).
- Frota, A. (2012). Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 168-178.
- Gobbi, S., Missel, S., Justo, H. & Holanda, A. (2005). *Vocabulários e noções básicas da abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor.
- Goto, T. (2011). Fenomenologia e experiência religiosa em Paul Tillich. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17 (2), 137-142.
- Holanda, A. (1998). *Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. São Paulo: Lemos.
- Kuenzli, A. (1959). Preface. In A. Kuenzli (Org.), *The phenomenological problem* (pp. vii-x). New York: Harper & Brothers Publishers.
- Lima, T. & Miotto, R. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálisis*, 10(esp), 37-45.
- Luczinski, G. & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), 75-82.
- Moreira, V. (2010). A gestalt-terapia e a abordagem centrada na pessoa são enfoques fenomenológicos?. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 03-12.
- Rogers, C. (1964). Toward a science of the person. In T. Wann (Org.), *Behaviorism and phenomenology: contrasting bases for modern psychology* (pp. 109-131). Chicago: University of Chicago Press.
- Rogers, C. (1976). *A respeito de bibliografias*. In C. Rogers & B. Stevens (Orgs.), *De pessoa para pessoa: o problema de ser humanos – uma nova tendência na psicologia* (pp. 321-325., M. Leite & D. Leite, Trans.). São Paulo: Pioneira. (Originalmente publicado em 1967).
- Rogers, C. (1977). *Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas* (O. Cajado, Trad.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora. (Originalmente publicado em 1972).
- Rogers, C. (1979). *Liberdade para aprender* (E. machado & M. Andrade, Trans.). Belo Horizonte: Interlivros. (Originalmente publicado em 1969).
- Rogers, C. (1985). *Liberdade de aprender em nossa década* (J. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1983).
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa* (M. Ferreira & A. Lamparelli, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961).
- Rogers, C. (2008). Algumas observações sobre a organização da personalidade. In J. Wood (Org.), *Abordagem centrada na pessoa* (pp.45-70). Vitória: EDUFES. (Originalmente publicado em 1947).
- Rogers, C., & Russell, D. (2002) *Carl Rogers: the quiet revolutionary – an oral history*. Roseville: Penmarin Books.
- Rogers, C. & Tillich, P. (2008). Diálogos – 1965 (M. Janzen, Trad.). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14 (1), 121-127. (Originalmente publicado em 1965).
- Segrera, A. (2002). El enfoque centrado en la persona: reflexiones en el centenario de su fundador Carl Rogers. *Miscelánea Comillas*, 60(117), 399-419.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in Psychology*

and Psychiatry. Evaston: Northwestern University Press.

Spiegelberg, H. (1982). *The phenomenological movement: a historical introduction* (3a ed). Boston: Martinus Nijhoff Publisher.

Vieira, E. & Pinheiro, P. (2011). Convergências entre a abordagem centrada na pessoa e Søren Kierkegaard. *Psicologia Argumento*, 29(65), 167-177.

Wood, J. (Org.). (2008). *Abordagem centrada na pessoa*. Vitória: EDUFES.

### Lista de Tabelas

Tabela 1 - Filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers

Tabela 2 - Obras de filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers

Tabela 1 - Filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers

Obra (Ano de publicação original/Edição consultada)	Ocorrência	Nome(s)
1. Tratamento clínico da criança problema (1939/1978)	-	
2. Psicoterapia e consulta psicológica (1942/2005)	-	
3. Manual de <u>Counseling</u> (1946/2000)	-	
4. Terapia centrada no cliente (1951/1992)	-	
5. <u>Psychotherapy and personality change</u> (1954)	-	
6. Psicoterapia e Relações Humanas Volume 1 (1959/1977)	-	
7. Tornar-se Pessoa (1961/1997)	-	
8. Psicoterapia e Relações Humanas Volume 2 (1962/1977)	-	
9. De pessoa para pessoa: o problema de ser humano (1967/1976)	1	José Ortega y Gasset
10. The therapeutic relationship and its impact: a study of psychotherapy with schizophrenics (1967)	-	
11. O homem e a ciência do homem (1968/1973)	-	
12. Liberdade de aprender (1969/1979)	1	Paul Tillich
13. Grupos de Encontro (1970/2002)	-	
14. Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas (1972/1977)	1	Simone de Beauvoir
15. Um jeito de ser (1980/1983)	-	
16. A pessoa como centro (1980/1977)	-	
17. Sobre o poder pessoal (1977/2001)	-	
18. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa (1983)	-	
19. Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa (1987/2004)	-	
20. Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	2	Heidegger e Merleau-Ponty

Tabela 2 - Obras de filósofos de orientação fenomenológica referenciados por Rogers

Livro de Rogers (Ano de publicação original/Edição consultada)	Filósofo citado	Obra referenciada por Rogers
De pessoa para pessoa: o problema de ser humano (1967/1976)	José Ortega y Gasset	The modern theme
Liberdade de aprender (1969/1979)	Paul Tillich	The courage to be
Novas formas do amor: o casamento e suas alternativas (1972/1977)	Simone de Beauvoir	The second sex
Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	Martin Heidegger	What is called think?
Liberdade de aprender em nossa década (1983/1985)	Maurice Merleau-Ponty	Phenomenology of perception
Carl Rogers the quiet revolutionary: an oral history, de Carl Rogers e David Russell (2002)	Paul Tillich	Rogers não menciona nenhum livro de Tillich, mas cita o diálogo ocorrido em 1965.

Recebido em: 21/03/2017  
 Primeira decisão editorial: 08/05/2017  
 Versão Final: 08/05/2017  
 Aprovado em: 08/05/2017